

ENTRE TRAÇAS E POEIRA: CLÓVIS MOURA E UM BREVE ESTUDO DE SUA BIBLIOTECA PARTICULAR.

GUSTAVO ORSOLON DE SOUZA*

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a biblioteca particular do intelectual Clóvis Moura. Para isso, dividimos o trabalho em duas partes. Na primeira, faremos uma breve análise biográfica de Moura. Já na segunda parte, faremos um levantamento dos títulos que compõem sua biblioteca até o ano de 1959, data da publicação do seu primeiro livro intitulado *Rebeliões da Senzala*. Todo esse esforço nos permitirá verificar parte dos livros que estão presentes em sua biblioteca, conhecer aqueles que possivelmente o influenciaram na elaboração do livro e, por fim, identificar o tema de maior interesse de Clóvis Moura.

Palavras-chave: Biblioteca. Clóvis Moura. *Rebeliões da Senzala*.

Abstract: This article aims to analyze the private library of intellectual Clovis Moura. In its first part, we will present a brief biographical analysis of Moura. In the second part, we will survey the titles that make up his library until the year 1959, the date of the publication of his first book, *Rebellions of Slaves*. All this effort will allow us to verify part of the books that are present in his library, knowing those which possibly have influenced the elaboration of the book and identifying the topic of most interest for Clovis Moura.

Keywords: Library. Clóvis Moura. *Rebeliões da Senzala*.

O Intelectual Clóvis Moura.

Nascido em Amarante (PI), em 1925, numa família de classe média, Clóvis Steiger Moura e os irmãos tiveram uma vida comum. Viveram alguns anos em Natal, um ano em Salvador, até se mudarem, em 1942, para Juazeiro (BA). Foi lá, em Juazeiro, que Moura começou a estreitar seus laços de amizade - de forma muito curiosa para os padrões atuais - com intelectuais já consagrados, e a escrever o livro *Rebeliões da Senzala*, ainda bem jovem,

Artigo recebido em 06 de julho de 2014 e aprovado para publicação em 11 de agosto de 2014

* Mestre em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Bolsista Capes/Reuni (cliogustavo@bol.com.br).

aos vinte e três anos de idade. Livro este que se tonaria um clássico da historiografia alguns anos mais tarde.



(Foto 1: Foto de Clóvis Moura que estampa a capa do CD ROM em sua homenagem intitulado “Clóvis Moura-Fragmentos de Vida e Obra”¹).

Em entrevista concedida em *O Jornal* de Alagoas, no ano de 1995, Clóvis Moura afirmou que seu interesse pela cultura negra se devia ao fato de ser descendente de africanos. Isso o teria motivado a pesquisar o tema escravidão: “porque, se eu não me localizo dentro do contexto da sociedade e etnicamente, eu sou aquilo o que Sartre chamava um ser-não situado, uma pessoa que boia dentro de um contexto sem saber onde se ancora.”²

Ainda nessa entrevista para *O Jornal*, Moura afirma que sua ascendência europeia – Steiger – não poderia estar em primeiro plano, já que suas características físicas e mentais não tinham qualquer ligação com essa ascendência branca:

¹ Cf. *Clóvis Moura: fragmentos de vida e obra* (CD-ROM). Brasília: Fundação Cultural Palmares/Ministério da Cultura; 2006.

² VALENÇA, Silvana. Clóvis Moura – O Preconceito Racial e o Branqueamento Brasileiro. In: *O Jornal*, 18/02/1995. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Caixa 42. Pasta: 1. Grupo Produção Intelectual: Série: recortes de jornal. Subsérie: reportagens.

“(…) Na Bahia, como minha família era de classe média, ninguém me situava como negro, e sim como branco (…) Hoje chego à conclusão de que todos nós, que temos ascendência africana, devemos assumir nossa negritude. Seria inviável assumir minha ascendência alemã, todo mundo acharia graça porque eu não tenho absolutamente nada que lembre a terra do meu bisavô. Do ponto de vista da língua, da cor, do comportamento, das estruturas mentais, eu guardo tudo o que os africanos trouxeram. Eu sou um afro-brasileiro.”³

Clóvis Moura, portanto, era negro por opção. Ele poderia, sem dúvida, ter assumido a ascendência alemã. Mas a elimina até mesmo de seu nome público. Outro dado que não pode passar despercebido é o modo como define sua origem social: era de classe média. Não temos informações que nos permitam precisar sua origem social. Mas vale lembrar que ele vem de uma família não muito pobre.

Tudo isso, no entanto, não deixa de ser especulação. O fato é que por volta dos vinte e três anos de idade, Clóvis Moura, então jornalista na Bahia, se lançou à tarefa de escrever um livro sobre as rebeliões escravas no Brasil. Esse livro possui uma história, só tendo sido publicado sete anos depois de pronto, em 1959.⁴

O livro *Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições e guerrilhas*, primeiro da carreira de Clóvis Moura, teve quatro edições. A primeira foi em 1959, publicada por uma pequena editora. Já as outras edições foram realizadas por editoras maiores e mais conhecidas no cenário intelectual e acadêmico. Esse reposicionamento dará maior projeção ao livro. O livro é pioneiro em um determinado tipo de abordagem, que apresenta o escravo como um homem ativo e atuante, que não aceitava submisso as imposições de seus senhores.

Vale ressaltar que quando o livro *Rebeliões da Senzala* foi escrito, no final da década de 1940, o contexto historiográfico era marcado pela “geração de 30”. E quando o livro foi publicado pela primeira vez, em 1959, desdobra-se a produção universitária paulista.

Segundo o Cientista Político, João Marcelo Pires, foi na década de 1930 que aparecem “alguns dos mais influentes ensaios”: “Casa Grande & Senzala” (1933), de Gilberto

³ VALENÇA, Silvana. Clóvis Moura – O Preconceito Racial e o Branqueamento Brasileiro. In: *O Jornal*, 18/02/1995. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Caixa 42. Pasta: 1. Grupo Produção Intelectual: Série: recortes de jornal. Subsérie: reportagens.

⁴ A história do livro “Rebeliões da Senzala” pode ser conferida na minha dissertação de mestrado, defendida em 2013, na UFRRJ. SOUZA, Gustavo Orsolon. “*Rebeliões da Senzala*”: diálogos, memória e legado de um intelectual brasileiro. Dissertação de Mestrado em História. Seropédica-RJ: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2013.

Freyre; “Evolução Política do Brasil” (1933) e “Formação do Brasil Contemporâneo” (1942), de Caio Prado Júnior; e “Raízes do Brasil” (1936), de Sérgio Buarque de Holanda.⁵

A “geração de 30”, como ficou conhecida, esteve bastante preocupada em elaborar trabalhos que explorassem a realidade brasileira. Na visão de Antonio Candido, os três autores que se destacaram nesse período trouxeram a “denúncia do preconceito de raça, a valorização do elemento de cor, a crítica dos fundamentos ‘patriarcais’ e agrários, o discernimento das condições econômicas, a desmistificação da retórica liberal”.⁶

Já na década de 1950, quando o livro *Rebeliões da Senzala* foi publicado, destacavam-se os trabalhos produzidos pela famosa “escola paulista” da USP, representada por Florestan Fernandes, Octávio Ianni e Fernando Henrique Cardoso. Tais autores se empenharam em romper com a ideia defendida pela “geração de 30”, principalmente com a visão de Gilberto Freyre, de que as relações entre senhores e escravos teriam sido harmoniosas.⁷ Isso nos faz refletir que quase trinta anos após a publicação do livro “Casa Grande & Senzala”, a “geração de 30” predominava nas discussões acadêmicas dos anos de 1950. E, ainda hoje, segue sendo pauta de vários estudos acadêmicos.

Como afirmou o antropólogo Roque de Barros Laraia, no prefácio do livro “A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá”, de 2006, Florestan Fernandes, um conhecido sociólogo e pesquisador de “orientação marxista”, iniciou sua carreira com temas mais próximos da antropologia. Na dissertação de mestrado, buscou reconstruir a organização do grupo indígena tupinambá. E, na tese de doutorado, Fernandes deu continuidade a essa pesquisa, só que concentrando o foco de sua análise na guerra dos tupinambás verificando, por exemplo, o material bélico utilizado e as táticas de guerra.⁸

Após concluir seu doutorado na USP, em 1951, Florestan Fernandes foi convidado pelo professor Roger Bastide para trabalhar em uma pesquisa que tinha como tema as relações sociais em São Paulo, pesquisa esta que fazia parte de um projeto maior, encomendado pela

⁵ PIRES, João Marcelo Ramos. *Entre a Província e a Nação: centralização, descentralização e a obra de Sérgio Buarque de Holanda na década de 1930*. Dissertação de Mestrado em Ciência Política. Rio de Janeiro – RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2005. p. 02.

⁶ Prefácio de Antonio Candido. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995. p. 11.

⁷ REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Liberdade Por Um Fio*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1996. p. 13.

⁸ Prefácio de Roque de Barros Laraia. In: FERNANDES, Florestan. *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá*. 3. Ed. São Paulo: Editora Globo, 2006. p. 11-12.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).⁹ O projeto pretendia apresentar a situação interna do Brasil como “exemplo de convivência harmoniosa para o resto do mundo”.¹⁰

Em 1954, com a volta de Bastide para a França, Florestan Fernandes assumiu a cadeira de “Sociologia I”, tendo como auxiliares, Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni, dois nomes importantes na consolidação da “escola paulista”.¹¹

Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni ingressaram na USP, no curso de ciências sociais, no final da década de 1940. Suas pesquisas de mestrado tiveram o mesmo tema, que foi o das relações inter-raciais no Sul do país, um projeto ligado à UNESCO. O maior resultado dessas pesquisas foi à publicação do livro “Cor e Mobilidade Social em Florianópolis”, em 1960, alguns meses depois da publicação do livro de Clóvis Moura, *Rebeliões da Senzala*.

A partir desse breve panorama da história intelectual brasileira de início do século XX, é possível entender o lugar dado pela historiografia ao livro de estreia de Clóvis Moura. Este teria se lançado no estudo da resistência escrava, um tema que não integrava a agenda de pesquisa da “geração de 30”, nem mesmo da “escola paulista”.

Nesse sentido, podemos aqui entender que a historiografia também tem - para utilizar um conceito de Michel de Certeau - seus “ritos de sepultamento”, criando cânones, fazendo uma seleção e excluindo do campo científico alguns intelectuais. Ao privilegiar uns, outros não têm a sua história contada, ou seja, acabam ficando silenciados e marginalizados pela historiografia.¹²

Clóvis Moura, por muito tempo, foi silenciado pela historiografia, em um momento em que a atenção estava voltada para os trabalhos publicados pela “geração de 30” e pela renomada “escola paulista”.

⁹ A UNESCO foi criada em 1945, logo após o holocausto e, segundo o sociólogo e cientista político Marcos Chor Maio, a instituição procurava nos países subdesenvolvidos, uma sociedade onde não houvesse “tensões étnico-raciais”, que servissem de exemplo para o mundo. Cf. MAIO, Marcos Chor. O Projeto UNESCO: ciências sociais é o “credo racial brasileiro”. In: *Revista USP*. São Paulo, n. 46, 2000. p. 117. Disponível na internet via: <http://www.usp.br/revistausp/46/09-marcoschor.pdf>. Acesso em: 22/01/2013.

¹⁰ RICUPERO, Bernardo. *Sete Lições Sobre as Interpretações do Brasil*. São Paulo: Editora Alameda, 2007. p. 185.

¹¹ Idem. p. 186.

¹² CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 106-107.

Moura e sua Biblioteca.

Pouco antes de seu falecimento, no ano de 2003, Clóvis Moura vendeu sua biblioteca particular para a Fundação Palmares do Rio de Janeiro. O material ali encontrado nos direcionou para a tarefa de buscar conhecer o que lia Clóvis Moura antes de escrever o livro *Rebeliões da Senzala*, qual tema predominava em sua biblioteca e quais foram as suas possíveis influências. É nesse sentido que percorreremos nosso olhar a partir de agora.

Para começarmos a análise sobre a biblioteca particular de Clóvis Moura destacaremos duas interpretações importantes sobre o tema arquivo. A primeira delas é de Heloísa Liberalli Belloto, doutora em História pela USP, que afirma que o tema arquivo não tinha tradição entre historiadores e cientistas sociais, principalmente no que se refere a sua existência, ao rastreamento e a sua forma de organização.¹³

A segunda interpretação é de Christophe Prochasson, historiador francês, que afirma que o tema arquivo só ganhou destaque entre os historiadores franceses há cerca de vinte anos, quando ocorreu uma valorização maior da história cultural.¹⁴

Decidimos iniciar com essas interpretações para justificar o nosso recorte ao analisar a biblioteca particular de Clóvis Moura como um espaço que precisa ser conhecido por sua “existência”, “rastreamento” e “forma de organização”. Isso nos permitirá conhecer não somente os livros que compõem essa biblioteca, mas entender como eles chegaram à instituição e os critérios que foram utilizados para a sua organização. Entender o caminho percorrido por esse arquivo é entender um pouco da história de seu titular, ou seja, a história de Clóvis Moura.

Considerando os limites de nossa metodologia, não podemos afirmar que Moura tenha lido todos os títulos de sua biblioteca, apenas podemos considerar com um senso de expectativa, ou seja, acreditamos que os títulos, de alguma forma, podem tê-lo influenciado.

A biblioteca particular de Clóvis Moura esteve, entre os anos de 2004 até 2011, localizada na Fundação Palmares no Rio de Janeiro, sendo esta uma instituição vinculada ao

¹³ BELLOTO, Heloisa Liberalli. Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debatendo Terry Cook. In: Revista *Estudos Históricos*. Edição 21. CPDOC: Rio de Janeiro, 1998. Disponível na internet via: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/246.pdf>. Acesso em: 02/10/09. p. 02.

¹⁴ PROCHASSON, Christophe. Arquivos Privados e Renovação das Práticas Historiográficas. In: Revista *Estudos Históricos*. Edição 21. CPDOC: Rio de Janeiro, 1998. Disponível na internet via: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/239.pdf>. Acesso em 02/10/09. p. 01-02.

Ministério da Cultura e responsável pela preservação da cultura negra no país. No ano de 2011, a biblioteca foi devidamente organizada e transferida para a Fundação Palmares de Brasília.

Soraya, filha de Clóvis Moura informou que seu pai vendeu em vida a sua biblioteca particular para a Fundação Palmares no final de 2003. Questionamos Soraya sobre o motivo pelo qual Moura vendeu sua biblioteca particular. Acreditávamos que Moura estivesse passando por alguma dificuldade financeira. Mas em resposta, Soraya nos disse que Gisa (sua segunda esposa) estava prestes a se aposentar e que, por isso, ela e Moura iriam embora para Salvador, BA, daí a necessidade de vender a biblioteca. A mudança para Salvador acabou não acontecendo, pois Moura ficou doente logo depois.¹⁵

Soraya nos disse ainda que alguns livros ficaram com seu pai – livros de poesia, ficção e outros. Entre 2001 e 2002 – data que Soraya não consegue precisar – esses livros foram divididos entre ela e Gisa.

Em 2011, numa segunda visita à biblioteca, tivemos acesso a um catálogo feito, na época, pela Fundação Palmares do Rio de Janeiro e que – por razões que ignoramos – não nos foi divulgado em 2008.¹⁶ Esse catálogo apresenta os livros com seus respectivos autores e a editoras. Todavia, não sabemos em que condições ele foi feito, ou seja, que critérios foram utilizados, nem quanto tempo demorou para ser produzido e se realmente o catálogo contemplou todos os títulos presentes.

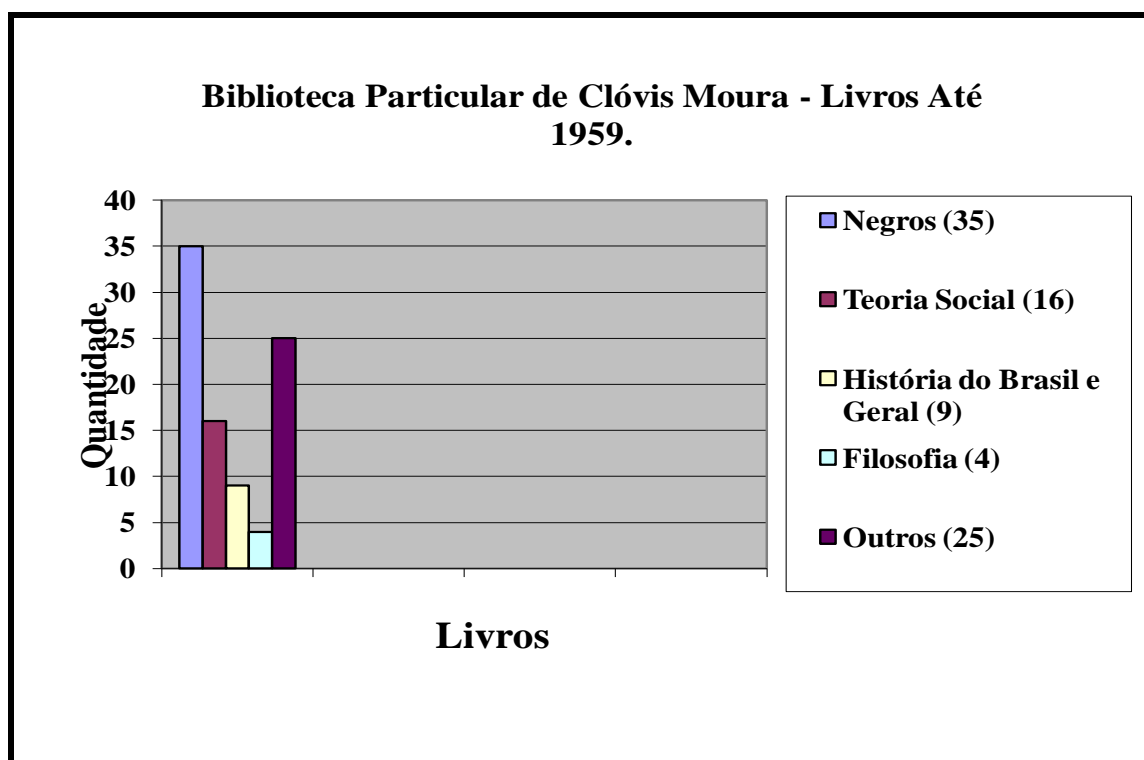
Como não havia nenhuma classificação importante nesse catálogo, fizemos uma reestruturação do mesmo para facilitar a visualização e oferecer uma projeção do conteúdo da biblioteca particular de Clóvis Moura. Primeiramente, organizamos por ano de publicação, depois, realizamos uma investigação para saber o conteúdo de cada título, numa tentativa de observar o principal interesse de leitura de Moura.

No catálogo encontram-se quatrocentos e sessenta e três títulos, sendo que treze são de autoria do próprio Clóvis Moura. Mas o nosso foco de análise aqui é até 1959, ano de publicação do livro *Rebeliões da Senzala*, primeiro da carreira do autor. Então, trabalharemos apenas com o número de oitenta e nove títulos, que representam este período. Não podemos garantir que esses oitenta e nove títulos foram lidos ou que tenham influenciado Moura no livro *Rebeliões da Senzala*, pois, muitos podem ter sido adquiridos posteriormente à redação

¹⁵ Entrevista concedida por Soraya Moura em abril de 2011.

¹⁶ Catálogo dos livros da biblioteca particular de Clóvis Moura, gentilmente cedido pela Fundação Palmares do Rio de Janeiro em 2011.

do livro bem como nunca terem sido lidos pelo escritor. Mais uma vez, gostaríamos de deixar claro que sabemos da fragilidade de nossa metodologia, no entanto, nós a consideramos válida, por nos mostrar um caminho possível de reflexão sobre a preferência de leitura do escritor e sua tendência teórica, ou seja, uma expectativa de gosto. O gráfico 1 nos permite visualizar parte dessa biblioteca de Moura.



(Gráfico 1: Biblioteca particular de Clóvis Moura – Livros até o ano de 1959).

Na categoria “Negros” estão os títulos que tratam da questão negra, seja por tratarem da cultura, da história ou mesmo da raça. Isso significa que podemos encontrar nessa categoria títulos na área de antropologia, sociologia, história, música, poesia e literatura, entre outras, mas sempre tendo o negro como objeto principal.

Para exemplificarmos essa categoria selecionamos alguns desses títulos, que representam um pouco dessa diversidade das áreas e ao mesmo tempo nos mostram o que possivelmente Clóvis Moura lia sobre os negros. Destacamos primeiramente seu interesse em conhecer a realidade desse grupo nas mais diversas regiões do país. Alguns títulos justificam esta afirmação: *Os Republicanos Paulistas e a Abolição*, de José Maria dos Santos; *O Negro e o Garimpo em Minas Gerais*, de Aires da Mata Machado Filho; *O Negro na Bahia*, de Luiz

Vianna Filho; *O Negro no Rio de Janeiro*, de Luiz Aguiar Costa Pinto; *A Abolição no Ceará*, de Raimundo Girão.¹⁷

Esses títulos permitem perceber que Moura não estava voltado apenas para o nordeste do país, onde nascera e viveu por um bom tempo, mas tinha, possivelmente, curiosidade em conhecer o que estava acontecendo nas regiões do sudeste do país como São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Precisamos destacar também nessa categoria “Negros” outros títulos que, embora não estejam dentro da área das ciências sociais, trazem como objeto principal o negro, visto, porém, por outro olhar. Para sermos mais precisos, destacamos quatro títulos: *Rapsódia Negra*, de Hugo Rocha; *Panorama de La Musica Afroamericana*, de Nestor R. Ortiz; *Diário Íntimo*, de Lima Barreto; *A Raça Africana e os seus Costumes*, de Manoel Querino. O primeiro título é de poemas, o segundo de música, o terceiro de poesia e literatura e o quarto de cultura africana. Esses títulos nos permitem refletir que Moura tinha um interesse vasto sobre a questão negra, não estando ele limitado aos títulos mais conhecidos no meio intelectual, ou, mesmo, títulos que estivessem ancorados em conceitos científicos.¹⁸

Gostaríamos também de apontar que os clássicos da história negra não faltavam na estante da biblioteca de Clóvis Moura. Os títulos *O Brasil Social*, de Silvio Romero e *O Abolicionismo*, de Joaquim Nabuco, estão presentes nessa mesma categoria.¹⁹

Em “Teoria Social”, reunimos os títulos de sociologia e antropologia que tratam da questão teórico-social. Podemos destacar alguns títulos que justificam nossa decisão em concentrá-los em apenas uma categoria. Em relação à teoria sociológica podemos citar: *Fundamentos Reales de la Sociologia*, de Georg F. Nocolai; *História de la Sociologia em Latinoamerica*, de Alfredo Poviña; *Princípios de Sociologia*, de Ferdinand Tonnies. Já em

¹⁷ Cf.: SANTOS, José Maria dos. *Os Republicanos Paulistas e a Abolição*. São Paulo. Livraria Martins Fontes, 1942; MACHADO FILHO, Aires da Mata. *O Negro e o Garimpo em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1943; VIANA FILHO, Luiz. *O Negro na Bahia*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1946; COSTA PINTO, Luiz Aguiar. *O Negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança*. São Paulo: CIA Editora Nacional, 1953; GIRÃO, Raimundo. *A Abolição no Ceará*. Fortaleza: A. Batista Fontenele, 1956.

¹⁸ Cf. ROCHA, Hugo. *Rapsódia Negra*. Porto: Ed. Artes e Letras, 1933; ORTIZ, Nestor R. *Panorama de la Musica Afroamericana*. Buenos Aires: Ed. Claridad, 1944; BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*: São Paulo/Rio de Janeiro: Ed. Mértio, 1953; QUERINO, Manoel. *A Raça Africana e os seus Costumes*. Vol. 8. Salvador: Livraria Progresso, 1955.

¹⁹ Cf. ROMERO, Silvio. *O Brasil Social: vistas sintéticas obtidas pelos processos de Le Play*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1907; NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

relação à antropologia, podemos citar: *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*, de Guerreiro Ramos; *Ensaio de Antropologia Social*, de Thales de Azevedo.²⁰

Já os títulos que envolvem “História do Brasil e Geral” também ganharam uma categoria específica. Nessa categoria classificamos títulos como: *O Brasil de Ontem, de Hoje e de Amanhã*, de Cincinato Braga; *A Luta pelo Petróleo*, de Essad Bey; *O Direito do Brasil*, de Joaquim Nabuco.²¹

Os livros que têm como assunto a Filosofia ficaram numa categoria que leva o mesmo nome – “Filosofia”. Destacamos: *Introdução à História da Filosofia*, de Hegel; *O Mito de Hefestos*, de Luis Washington Vita.²²

Já a categoria “Outros” não é menos importante que as demais, mas, por não haver um número expressivo de títulos para abrir novas categorias, vários temas foram contemplados juntos aqui. Esses títulos são de poesia, literatura, educação, crítica literária, peça de teatro, biografia, romance e saúde.

Para exemplificarmos essa categoria, destacamos os títulos: *A educação nacional*, de José Veríssimo; *A estrela sobe*, de Marques Rebelo; *Eu e você*, de Paul Géraldy; *Maconha (Coletâneas de Trabalhos Brasileiros)*, do Ministério da Saúde. O primeiro título refere-se à educação, o segundo é um romance, o terceiro, poesia, e o quarto trata da saúde pública.²³

A análise percentual da tabela a seguir permite observar a seguinte realidade sobre essa mostra da biblioteca particular de Clóvis Moura:

²⁰ Cf. NICOLAI, Georg F. *Fundamentos Reales de la Sociologia (Coleção Documentos Sociales)*. Santiago do Chile: Editora Ercilla, 1941; POVIÑA, Alfredo. *História de la Sociologia en Latinoamericana*. México: Ed. Fundo de Cultura Economica, 1941; TONNIES, Ferdinand. *Princípios de Sociologia*. México: Ed. Fundo de Cultura Economica, 1942; LOWIE, Robert H.. *História de la Etnologia*. México: Ed. Fundo de Cultura Economica, 1946; RAMOS, Alberto Guerreiro. *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Andes, 1957; AZEVEDO, Thales de. *Ensaio de Antropologia*. Salvador: Ed. Progresso, 1959.

²¹ Cf. BRAGA, Cincinato. *O Brasil de Ontem, de Hoje e de Amanhã*. Rio de Janeiro: Ed. Imprensa Nacional, 1923; BEY, Essad. *A Luta Pelo Petróleo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935; NABUCO, Joaquim: *O Direito do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

²² Cf. VITA, Luis Washington. *O Mito de Hefestos*. São Paulo: Serv. de Pub. do CIESP, 1959; HEGEL, George Wilhelm Friedrich. *Introdução à História da Filosofia*. Coimbra: Ed. Arménio Amado, 1952.

²³ Cf. VERÍSSIMO, José. *A Educação Nacional*. Rio de Janeiro: Ed. Livraria Francisco Alves, 1906; REBELO, Marques. *A estrela sobe*. São Paulo: Livraria José Olympio, 1939; GÉRALDY, Paul. *Eu e Você*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945; Ministério da Saúde. Serviço. *Maconha (Coletânea de Trabalhos Brasileiros)*. Serviço Nacional de Educação Sanitária Brasília: Imprensa Nacional, 1958.

PORCENTAGEM DOS LIVROS ATÉ 1959.

<u>CATEGORIA</u>	<u>PORCENTAGEM</u>
NEGROS	39,30%
TEORIA SOCIAL	18%
HISTÓRIA DO BRASIL E GERAL	10,10%
FILOSOFIA	4,50%
OUTROS	28,10%
Total:	100%

(Tabela 1: Porcentagem dos livros até o ano de 1959).

Comparando o gráfico 1 com a tabela acima, observamos que a biblioteca particular de Clóvis Moura possui um número significativo de títulos tendo como temática a questão negra. O percentual de 39,30% nos permite afirmar que seu maior interesse naquele momento estava voltado para o universo de um grupo específico, ou seja, os negros.

Outra informação que podemos extrair de sua biblioteca é o seu interesse pelas ciências sociais. Observando a soma do percentual das categorias “Negros”, “Teoria Social”, “História do Brasil e Geral” e “Filosofia”, temos um resultado de 71,9%. Isso significa que Moura tinha um grande interesse por esta área.

Nossa investigação não visa somente saber o número de livros e a área do conhecimento representada por eles, mas também observar aqueles que fizeram parte do livro *Rebeliões da Senzala*, ou seja, que fizeram parte da referência bibliográfica e que estavam presentes em sua biblioteca particular.

Chegamos à conclusão que oito livros da biblioteca do escritor fizeram parte do livro *Rebeliões da Senzala*, sendo eles: 1) *História de La Etnologia*, de Robert H. Lowie (1946); 2) *O Abolicionismo*, de Joaquim Nabuco (1938); 3) *O Percussor do Abolicionismo no Brasil*, de Sud Menucci (1938); 4) *A Abolição no Ceará*, de Raimundo Girão (1956); 5) *Abolicionista e*

Republicano, de João Cordeiro Freitas Nobre (1943); 6) *Os Republicanos Paulistas e a Abolição*, de José Maria dos Santos (1942); 7) *Antologia do Negro Brasileiro*, de Edison Carneiro (1950); 8) *O Negro na Bahia*, de Luiz Viana Filho (1946).²⁴

Para exemplificarmos, destacaremos aqui dois desses autores, observando como Clóvis Moura os utilizou. Do trabalho de Edison Carneiro, *Antologia do Negro Brasileiro*, por exemplo, Moura destaca uma carta em que consta a liberdade de um escravo, chamado Plácido da Silva, depois de lutar pela independência da Bahia, no “Exército Pacificador”. Nesse caso, o autor analisa um movimento negro ocorrido na capital baiana, em 1823, em que as tropas do General Madeira foram expulsas pelos chamados “batalhões patrióticos”, compostos por negros escravos. A utilização da carta permite a Moura confirmar seu posicionamento sobre os escravos terem uma participação ativa e atuante dentro dos movimentos políticos da época. E, além disso, percebemos também que o autor chama atenção para um fato importante: alguns escravos, como foi o caso de Plácido, tiveram sua liberdade conquistada.

Para o mesmo movimento, Moura utiliza também o livro *O Negro na Bahia*, de Luiz Viana Filho. Apoiado neste autor, Moura afirma que a preferência dos organizadores do conflito era de que os escravos incorporassem a “primeira linha” de defesa, visto que os mesmos tinham características importantes que ajudariam no sucesso do movimento: eram “bons soldados” e possuíam um “heroísmo ponderável”, conquistado pelo seu comportamento.²⁵

Não cabe aqui uma análise exaustiva e minuciosa de todos os livros que compõem sua biblioteca e que fizeram parte da obra *Rebeliões da Senzala*. Acreditamos que os dois livros destacados são suficientes para termos uma breve ideia de como o autor buscou construir sua obra. Os demais livros são usados por Moura da mesma forma. Neles o autor também busca elementos para identificar um escravo atuante e participativo. Em outras palavras, o autor através desses e de outros livros, assim como das fontes de arquivo, consegue desconstruir a ideia de isolamento e de marginalização do negro escravo. O escravo,

²⁴ Cf. LOWIE, Robert H.. *História de la Etnologia*. México: Ed. Fundo de Cultura Economica, 1946; NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938; MENUCCI, Sud. *O Percussor do Abolicionismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional Brasileira, 1938; GIRÃO, Raimundo. *A Abolição no Ceará*. Fortaleza: A. Batista Fontenele, 1956; NOBRE, João Cordeiro Freitas. *Abolicionista e Republicano*. São Paulo: Ed. Letras, 1943; SANTOS, José Maria dos. *Os Republicanos Paulistas e a Abolição*. São Paulo. Livraria Martins Fontes, 1942; CARNEIRO, Antologia do Negro Brasileiro. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Globo, 1950; VIANA FILHO, Luiz. *O Negro na Bahia*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1946.

²⁵ MOURA, Clóvis. *Rebeliões da Senzala*. São Paulo: Edições Zumbi, 1959. p. 63-64.

no trabalho de Moura, não é visto como uma figura calada e submissa, que aceitava passivamente as imposições do sistema escravista. Em sua análise, o escravo é atuante, luta contra as condições a que está submetido e participa ativamente das relações sociais. E esta observação pode ser conferida em seu depoimento, quando afirma que tentou mostrar um negro “revolucionário” para sua época:

“(…) Avancei nesta direção recolhendo elementos para a elaboração do livro para demonstrar como ao contrário do que se apregoava nas ciências sociais do tempo, ele foi um agente revolucionário na sua época, e cuja, forma de luta deveria ser analisada pelas gerações dos negros no presente.”²⁶

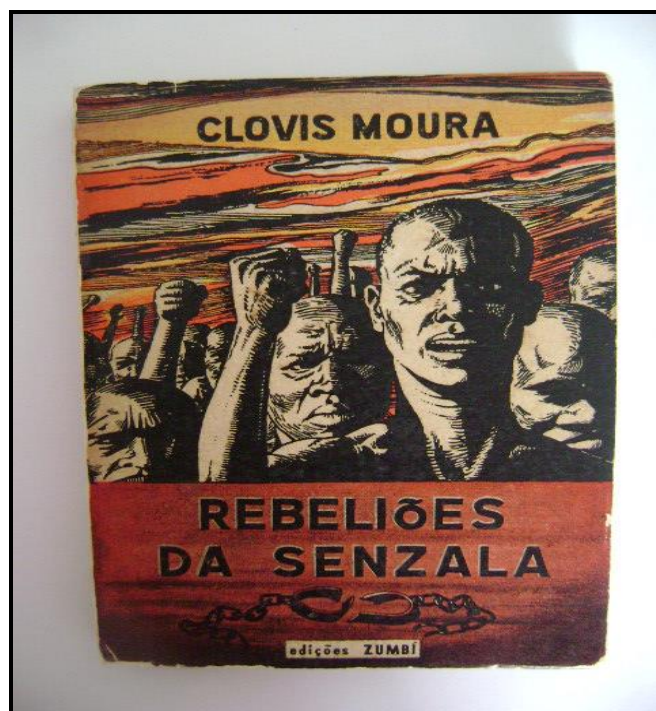
Ainda de acordo com o depoimento de Clóvis Moura, seu intuito com o livro *Rebeliões da Senzala* foi demonstrar a atuação dos “agentes sociais oprimidos”, que mesmo não tendo conseguido vencer em muitas de suas revoltas, foram figuras importantes no processo de mudanças na história do Brasil escravista:

“Com isto procurei demonstrar que o papel dos agentes sociais oprimidos, mesmo derrotados, o que vem negar à história como uma história de vencidos. Os vencidos são os vencedores da história porque eles, mesmo derrotados estabelecem as mudanças.”²⁷

Assim, verificamos que *Rebeliões da Senzala*, que neste ano de 2015 completa cinquenta e seis anos de publicação, foi uma obra original para a sua época, no sentido de trazer uma abordagem diferente daquelas apresentadas, até então, pelas ciências sociais em relação à resistência escrava. Percebemos ainda que Moura, ao construir seu trabalho, tentou apontar as mais variadas formas de resistência, seja através da participação do negro em comunidades quilombolas, nas táticas de guerrilha e nas associações secretas, buscando compreender as raízes da história do Brasil e, mostrando um escravo atuante e participativo no cenário social, sem prender-se a nenhuma corrente teórica.

²⁶ ALMEIDA, Luiz Sávio (org.). *O Negro no Brasil: estudos em homenagem a Clóvis Moura*. Maceió: EDUFAL, 2003. p. 11.

²⁷ ALMEIDA, Luiz Sávio (org.), op. cit. p. 12.



(Foto 2: Capa do livro *Rebeliões da Senzala*– 1959).

Clóvis Moura tinha uma maneira muito particular de escrever para sua época, motivo esse que talvez tenha levado a sua rejeição dentro do cenário intelectual acadêmico e, conseqüentemente, na Editora Brasiliense, tendo que publicar seu trabalho em uma editora alternativa, a Edições Zumbi.

O intelectual, que, nas décadas de 1950 e 1960, não foi valorizado e reconhecido, hoje é considerado um importante pesquisador da “questão negra” no Brasil, tendo sido posteriormente convidado pela Universidade de São Paulo (USP) para participar de algumas bancas como professor “notório saber”, devido ao reconhecimento de sua vasta obra: *Rebeliões da Senzala* (1959), *O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel* (1976), *O Negro: de Bom Escravo a Mau Cidadão?* (1977), *Raízes do Protesto Negro* (1983), *Dialética Radical do Brasil Negro* (1994), *Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil* (2001), entre outros.²⁸

²⁸ Segundo o professor de Direito da Universidade Federal do Ceará Hugo de Brito Machado, o título de “notório saber” tem sido uma prática muito utilizada pelas universidades do país para qualificar a pessoa que não fez curso de especialização, como doutorado, mas possui conhecimentos “equivalentes”. É, portanto, um título de reconhecimento à pessoa que produziu fora do ensino formal. Cf.: MACHADO, Hugo de Brito. Notório Saber. Disponível na Internet via: http://bdjur.stj.gov.br/jspui/bitstream/2011/947/1/Not%C3%B3rio_Saber.pdf. Acesso em: 20/01/09.

Considerações Finais:

Em depoimento, Clóvis Moura afirmou que, no início de sua carreira, o filósofo Aristóteles foi um grande marco na sua influência teórica, sem deixar de mencionar os pré-socráticos. Sua juventude também foi marcada por nomes como Diderot, Voltaire e toda a “constelação” iluminista. Já em relação às ciências sociais, sua influência está marcada por nomes como Karl Marx, Friederich Engels, Antonio Labriola, Antonio Gramsci, Henri Lefebvre, Max Weber e Hans Frayer.²⁹ Esse último, em especial, com o livro *La Sociologia Ciência de la Realidade*.³⁰

Clóvis Moura também destacou que sua influência teórica foi marcada por marxistas ingleses e sociólogos radicais americanos, como Charles Wright Mills. Mas Moura não deixa de destacar dois livros importantes que, segundo ele, foram “substantivos na cristalização do seu pensamento”, são eles: *O Anti-Dhuring*, de Engels e *O Capital*, de Marx. O primeiro, *O Anti-Dhuring*, localizamos na sua biblioteca particular, no período que antecede à publicação do livro *Rebeliões da Senzala*.³¹

Como podemos perceber, a maioria dos livros citados no depoimento de Moura não estão na sua biblioteca particular, com exceção do livro *O Anti-Dhuring*, de Friederich Engels, mas podemos concluir sobre o seu interesse por intelectuais de esquerda e sua influência marxista, como ele deixa bem explícito em seu depoimento.

Gostaríamos de concluir afirmando mais uma vez que nosso objetivo neste artigo foi conhecer, em linhas gerais, as preferências de um intelectual que marcou a historiografia brasileira com diversos estudos sobre o negro. Nossa metodologia, embora frágil, nos foi adequada porque permitiu um senso de direção, levando a um conhecimento prévio sobre a biblioteca particular de Moura, assim como sua preferência de leitura. Todavia, não tivemos em nenhum momento o objetivo de fazer um estudo conclusivo. Ao contrário, este é apenas o primeiro passo para que novos estudos possam ser desenvolvidos.

²⁹ ALMEIDA, Luiz Sávio (org.), op. cit., p. 13.

³⁰ Cf. FRAYER, Hans. *La Sociologia Ciência de la Realidade*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1944.

³¹ Cf. MARX, Karl. *O Capital*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2007. ENGELS, Friederich. *O Anti-Duhring*. 3. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

Fontes:

Catálogo dos livros da biblioteca particular de Clóvis Moura, gentilmente cedido pela Fundação Palmares do Rio de Janeiro em 2011.

Clóvis Moura: fragmentos de vida e obra (CD-ROM). Brasília: Fundação Cultural Palmares/Ministério da Cultura; 2006.

Entrevista concedida por Soraya Moura em abril de 2011.

VALENÇA, Silvana. Clóvis Moura – O Preconceito Racial e o Branqueamento Brasileiro. In: *O Jornal*, 18/02/1995. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Caixa 42. Pasta: 1. Grupo Produção Intelectual: Série: recortes de jornal. Subsérie: reportagens.

MOURA, Clóvis. *Rebeliões da Senzala*. São Paulo: Edições Zumbi, 1959.

Referências:

ALMEIDA, Luiz Sávio (org.). *O Negro no Brasil: estudos em homenagem a Clóvis Moura*. Maceió: EDUFAL, 2003.

AZEVEDO, Thales de. *Ensaio de Antropologia*. Salvador: Ed. Progresso, 1959.

BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*: São Paulo/Rio de Janeiro: Ed. Mértio, 1953.

BELLOTO, Heloisa Liberalli. Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debatendo Terry Cook. In: Revista *Estudos Históricos*. Edição 21. CPDOC: Rio de Janeiro, 1998. Disponível na internet via: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/246.pdf>. Acesso em: 02/10/09.

BEY, Essad. *A Luta Pelo Petróleo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

BRAGA, Cincinato. *O Brasil de Ontem, de Hoje e de Amanhã*. Rio de Janeiro: Ed. Imprensa Nacional, 1923.

CARNEIRO, Antologia do Negro Brasileiro. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Globo, 1950.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

Clóvis Moura: fragmentos de vida e obra (CD-ROM). Brasília: Fundação Cultural Palmares/Ministério da Cultura; 2006.

COSTA PINTO, Luiz Aguiar. *O Negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança*. São Paulo: CIA Editora Nacional, 1953.

ENGELS, Friedrich. *O Anti-Duhring*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

FERNANDES, Florestan. *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá*. 3. Ed. São Paulo: Editora Globo, 2006.

FRAYER, Hans. *La Sociologia Ciência de la Realidade*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1944.

GÉRALDY, Paul. *Eu e Você*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

- GIRÃO, Raimundo. *A Abolição no Ceará*. Fortaleza: A. Batista Fontenele, 1956.
- HEGEL, George Wilhelm Friedrich. *Introdução à História da Filosofia*. Coimbra: Ed. Arménio Amado, 1952.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995.
- LOWIE, Robert H.. *História de la Etnologia*. México: Ed. Fundo de Cultura Economica, 1946.
- MACHADO FILHO, Aires da Mata. *O Negro e o Garimpo em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1943.
- MACHADO, Hugo de Brito. Notório Saber. Disponível na Internet via: http://bdjur.stj.gov.br/jspui/bitstream/2011/947/1/Not%C3%B3rio_Saber.pdf. Acesso em: 20/01/09.
- MAIO, Marcos Chor. O Projeto UNESCO: ciências sociais é o “credo racial brasileiro”. In: *Revista USP*. São Paulo, n. 46, 2000. Disponível na internet via: <http://www.usp.br/revistausp/46/09-marcoschor.pdf>. Acesso em: 22/01/2013.
- MARX, Karl. *O Capital*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2007.
- MENUCCI, Sud. O Percussor do Abolicionismo no Brasil. São Paulo: Ed. Nacional Brasileira, 1938.
- Ministério da Saúde. Serviço. *Maconha (Coletânea de Trabalhos Brasileiros)*. Serviço Nacional de Educação Sanitária Brasília: Imprensa Nacional, 1958.
- NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
- _____. *O Direito do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.
- NICOLAI, Georg F. *Fundamentos Reales de la Sociologia (Coleção Documentos Sociales)*. Santiago do Chile: Editora Ercilla, 1941.
- NOBRE, João Cordeiro Freitas. Abolicionista e Republicano. São Paulo: Ed. Letras, 1943.
- ORTIZ, Nestor R. *Panorama de la Musica Afroamericana*. Buenos Aires: Ed. Claridad, 1944.
- PIRES, João Marcelo Ramos. *Entre a Província e a Nação: centralização, descentralização e a obra de Sérgio Buarque de Holanda na década de 1930*. Dissertação de Mestrado em Ciência Política. Rio de Janeiro – RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2005.
- POVIÑA, Alfredo. *História de la Sociologia en Latinoamérica*. México: Ed. Fundo de Cultura Economica, 1941.
- PROCHASSON, Christophe. Arquivos Privados e Renovação das Práticas Historiográficas. In: *Revista Estudos Históricos*. Edição 21. CPDOC: Rio de Janeiro, 1998. Disponível na internet via: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/239.pdf>. Acesso em 02/10/09.
- QUERINO, Manoel. *A Raça Africana e os seus Costumes*. Vol. 8. Salvador: Livraria Progresso, 1955.
- REBELO, Marques. *A estrela sobe*. São Paulo: Livraria José Olympio, 1939.
- RAMOS, Alberto Guerreiro. *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Andes, 1957.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Liberdade Por Um Fio*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1996.

RICUPERO, Bernardo. *Sete Lições Sobre as Interpretações do Brasil*. São Paulo: Editora Alameda, 2007.

ROCHA, Hugo. *Rapsódia Negra*. Porto: Ed. Artes e Letras, 1933.

ROMERO, Silvio. *O Brasil Social: vistas sintéticas obtidas pelos processos de Le Play*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1907.

SANTOS, José Maria dos. *Os Republicanos Paulistas e a Abolição*. São Paulo. Livraria Martins Fontes, 1942.

SOUZA, Gustavo Orsolon. “*Rebeliões da Senzala*”: diálogos, memória e legado de um intelectual brasileiro. Dissertação de Mestrado em História. Seropédica-RJ: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2013.

TONNIES, Ferdinand. *Princípios de Sociologia*. México: Ed. Fundo de Cultura Económica, 1942.

VERÍSSIMO, José. *A Educação Nacional*. Rio de Janeiro: Ed. Livraria Francisco Alves, 1906.

VIANA FILHO, Luiz. *O Negro na Bahia*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1946.

VITA, Luis Washington. *O Mito de Hefestos*. São Paulo: Serv. de Pub. do CIESP, 1959.

Imagens, Gráfico e Tabela:

Foto 1: Foto de Clóvis Moura que estampa a capa do CD ROM em sua homenagem intitulado “Clóvis Moura-Fragmentos de Vida e Obra”.

Foto 2: Capa do livro *Rebeliões da Senzala* – 1959

Gráfico 1: Biblioteca particular de Clóvis Moura – Livros até o ano de 1959.

Tabela 1: Porcentagem dos livros até o ano de 1959.